

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

XX NOV. 2012 XX

SUMÁRIO



FICHA TÉCNICA

Título:
CADERNOS DE CULTURA
MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Edição
N° XXVI de Novembro de 2012

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Design da capa:
Hugo Landeiro Domingues com lustração sobre
Gravura da *Materia Medica* de Dioscorides

Composição, Paginação, Impressão
e Acabamento:
GRAFISETE - Artes Gráficas, Lda.
Rua Jornal do Fundão, 4-B, 6230-406 Fundão

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco

- 3 Mensagem do Presidente da República
- 4 Discurso do Presidente da República
- 7 João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano; Um albicastrense exemplar
Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco
- 8 A história de Amato Lusitano na História de Portugal
João Marinho dos Santos
- 14 O meu Amato Lusitano
Luís Nuno C. Ferraz de Oliveira
- 20 Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires
António Lopes de Andrade
- 28 Amato Lusitano entre o Index Dioscoridis(1536) e as Enarrationes(1553)
João Manuel Nunes Torrão
- 31 Do Index às Enarrationes – Um esboço de estudo comparativo através de quatro entradas
Carlos de Miguel Mora
- 37 João Rodrigues Lusitano – Doutor Amado – serviu as Musas: amou a Poesia, cultivou a Ciência
Alfredo Rasteiro
- 45 As parasitoses nas Centúrias de Amato Lusitano
J. A. David Morais
- 55 O ser humano na clínica de Amato Lusitano – rumo ao conceito de dignidade
António Lourenço Marques
- 61 Amato Lusitano num Mito e um Mito em Amato
Adelaide Salvado
- 67 João Rodrigues... Amado, Lusitano, de Castelo Branco (1511-1568): Contributo para uma aclaração dos seus elos familiares
Joaquim Candeias da Silva
- 74 No cenotáfio de Amato
Maria José leal
- 78 Amato Lusitano: a propósito de uma breve nota resendiana
Virgínia Soares Pereira
- 81 Janela de aromas: excertos do Index de Amato Lusitano
António Maria Martins Melo
- 88 As filhas de Pirro em Amato Lusitano, Um caso de embriotomia (VI Centúria, Cura LI)
Maria do Sameiro Barroso

Amato Lusitano: entre o *Index Dioscoridis* (1536) e as *Enarrationes* (1553)**

João Manuel Nunes Torrão*

Entre 1536, ano em que saiu a lume, em Antuérpia, o *Index Dioscoridis*, e 1553, ano em que foi editada a primeira edição das *Enarrationes*, em Veneza, Amato Lusitano teve tempo para atentar nos problemas técnicos que atrapalharam, de forma muito evidente, a primeira edição da sua obra e, sobretudo, teve tempo para aprofundar todo um vasto conjunto de conhecimentos com vista à republicação do seu trabalho. A isto não é estranho também, naturalmente, o seu amadurecimento pessoal já que o *Index* é publicado quando ele é ainda muito jovem.

Como se sabe, é muito comum que as edições do século XVI apresentem problemas a que poderíamos chamar ‘técnicos’ no que ao texto diz respeito — e isso mesmo acontece, por maioria de razão, com as que eram feitas em tipografias de menor qualidade ou com menores recursos ou com as que não podiam ser devidamente acompanhadas pelos autores por se realizarem, por exemplo, em locais muito afastados daqueles em que se encontravam os autores, como acontece com a edição do *Index*.

O caso desta obra de Amato Lusitano não escapou a este fado e ele próprio mais tarde se irá queixar disso. De facto, a correção do texto deixa muito a desejar quer em termos de ‘gralhas tipográficas’ — que, às vezes, deixam o texto quase incompreensível — quer, sobretudo, ao nível da utilização da pontuação. Costumo dizer, em ar de brincadeira, mas com evidente exagero, que, para cada página desta obra, os tipógrafos pegaram numa mão cheia de sinais de pontuação e lançaram-nos sobre ela, fazendo com que, em muitas circunstâncias, eles caíssem onde calhou.

Mas, para além de uma evidente melhoria da edição em termos do que hoje chamaríamos ‘revisão de texto’, o contributo fundamental de Amato na transição do *Index* para as *Enarrationes* foi uma reformulação profunda da obra. De facto, há, desde logo, a assinalar um dado importantíssimo: a transição dos dois livros do *Index* para os cinco das *Enarrationes*; mas, além disso, nos dois primeiros livros que se mantiveram paralelos, houve, na maior parte dos casos, um refazer do texto (mesmo quando, em algumas situações, não se alteraram muito os tópicos apresentados) e ainda,

a outro nível, a incorporação de forma muito mais evidente e personalizada do seu contributo pessoal.

Embora possamos dizer que, no *Index*, o contributo pessoal do autor já aparente aparecer de forma notória através da rubrica *luditium nostrum*, que poderíamos traduzir por ‘a nossa opinião’ ou expressão equivalente, teremos de concordar que, no mínimo, na maior parte dos casos, esta ‘opinião’ é basicamente a opinião comum na época, embora, obviamente, seja partilhada por Amato. Contudo, a situação, a este nível, é ainda mais restrita — daí que tenhamos dito ‘aparente aparecer’ —, porque, em várias situações, o texto utilizado na rubrica *luditium nostrum* mais não é do que uma parte do texto que Marcelo Virgílio apresenta na sua edição como tradução latina do texto de Dioscórides?

Já nas *Enarrationes*, a opinião pessoal do autor aparece de forma explícita quer através dos pronomes pessoais ego e nos, quer através da utilização de formas verbais correspondentes a estas duas pessoas gramaticais, quer ainda pelo uso da expressão *mea sententia* ‘na minha opinião’. Além disso, esta opinião pessoal é reforçada por um conjunto de elementos que remetem ou para a vivência pessoal do autor ou para conhecimentos mais gerais, mas que eram específicos de Portugal ou da Península Ibérica desta época. Por exemplo, no texto das *Enarrationes* que me coube em sorte trabalhar, encontrei, pelo menos vinte e oito referências explícitas a conhecimentos que estão diretamente relacionados com os Descobrimentos portugueses o que coloca Amato Lusitano ou um outro habitante de Portugal em posição privilegiada para os conhecer em primeira mão, como, em alguns casos, teremos oportunidade de ver um pouco mais adiante.

No âmbito da temática desta mesa redonda, vou ater-me agora ao trabalho específico que estou a desenvolver, embora me pareça, atendendo a algumas pequenas pesquisas feitas no resto da obra, que muitos dos elementos que vou apresentar poderão transpor-se, *mutatis mutandis*, para os restantes textos.

Tendo como referência o *Index*, estou a trabalhar o final do primeiro livro e o início do segundo, abrangendo, no livro primeiro, desde a *Filologia* 152 (que

trata do Loto) até à Filologia 163 (que trata do Lepídio) e, no livro segundo, da Filologia² (que trata das Cantáridas) até à Filologia 23 (que, no Index, trata do açúcar ou, mais propriamente, de um produto algo parecido com ele e, nas Enarrationes, trata do mel).

No caso das Enarrationes, Amato Lusitano introduziu, no início do livro segundo, cinquenta e três entradas novas que não existiam no Index e que estão a ser trabalhadas por outro colega.

O texto inclui uma série de plantas, frutos, animais e produtos (lotus, cornus, sorba, prunus, unedo, amygdalum, pistacium, cantharides, salamandra, araneus, mures, lac, caseus, lana, fel, sanguis, etc., etc..)

Para podermos ficar, desde já, com uma ideia de algumas alterações introduzidas por Amato Lusitano, vou apresentar alguns elementos, sem a preocupação de ser exaustivo:

1. em texto corrido, passado em computador, basicamente no mesmo formato entre as duas edições, o texto do Index que está a meu cargo tem dez páginas e o das Enarrationes aumenta para vinte e nove;

2. além disso, as entradas não são exatamente as mesmas variando também em número, embora de forma ligeira: o Index tem 36 entradas e as Enarrationes têm trinta e nove;

3. ao nível interno, no Index, as referências a Dioscórides aparecem, inicialmente, destacadas, sob o título Historia Dioscoridis, mas, por vezes, Amato volta ao autor grego no decorrer do seu comentário para concordar ou discordar, enquanto, nas Enarrationes, estas referências aparecem sempre dispersas ao longo dos diversos textos. Assim, não sendo possível fazer uma comparação completamente direta, sempre podemos constatar, em termos de comentário, no Index, aparecem onze e, nas Enarrationes, trinta;

4. as referências a autores antigos são cerca de 70 no Index e aumentam para perto de 100 nas Enarrationes;

5. as referências a autores modernos seguem, também, esta linha já que o Index apresenta 16 e as Enarrationes apresentam cerca de 20;

6. onde se nota uma diferença muito assinalável é nas referências de caráter mais pessoal que são praticamente inexistentes no Index (1 ou 2), enquanto, nas Enarrationes, disparam para, pelo menos, 28;

7. ao contrário do que acontece normalmente, o texto sobre o sangue é muito mais reduzido nas Enarrationes do que no Index: para ficarmos com uma ideia as Enarrationes apresentam 59 linhas, enquanto o Index ultrapassa ligeiramente o triplo, 179 linhas. No entanto, nas Enarrationes, Amato termina o seu texto a remeter para o que escreveu no Index:

“Reliqua vero de sanguine, olim abunde disseruimus, in hoc quoque capite, praecipue quaerendo an sanguis anima esset.”²

“As restantes coisas sobre o sangue já as apresentámos, em tempos, de forma abundante, neste mesmo capítulo, indagando, sobretudo, se o sangue é a alma.”

Estes dois textos sobre o sangue, que ainda se encontram numa fase algo embrionária da tradução, são extremamente interessantes, embora, em alguns pontos, de difícil tradução. De facto, nomeadamente no Index, onde o autor se espraia muito mais sobre o assunto, Amato constrói uma autêntica teia com as opiniões de inúmeras personagens que aproveita para corroborar ou para contradizer, servindo-se de uma panóplia enorme de textos e autores desde textos bíblicos a autores clássicos, científicos e literários, e não se esquecendo de autores cristãos e árabes: Moisés, Anaxágoras, Pitágoras, Galeno, Platão, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, S. Gregório, Averróis, Avicena entre muitíssimos outros;

8. as referências a conhecimentos provenientes dos descobrimentos passa a ser também uma marca distintiva das Enarrationes. De facto, no Index, no texto que estou a trabalhar, apenas uma vez aparece uma menção deste género a propósito do Sicómoro para confirmar que não é conhecido em Portugal, mas que existe em abundância na Índia de acordo com informações solicitadas a pessoas que de lá regressaram a Portugal:

“ut nobis quaerentibus qui ex India reversi sunt in Lusitaniam affirarunt.”

“Como nos afirmaram, em resposta às nossas perguntas, aqueles que da Índia voltaram a Portugal.”

Já nas *Enarrationes* aparecem, pelo menos, oito referências deste género, sendo que uma delas tem a ver com informações transmitidas pelos Espanhóis sobre o Peru (a propósito do crocodilo). Assim, neste âmbito, há:

- várias referências à Índia (retoma-se a que já existia no Index desta vez reforçada com uma referência a Alexandria, volta-se a utilizá-la numa referência lateral no texto sobre a urina e ainda mais duas vezes no texto sobre o mel, uma a propósito do próprio mel e a outra sobre o açúcar);

- várias referências à ilha de S. Tomé (primeiro, no texto sobre os lagartos que, como o próprio Amato diz, por serem tão grandes, devem estar mais próximos dos

crocodilos; depois, esta ilha volta a ser falada quando trata dos crocodilos, e, mais tarde, quando trata do mel e fala sobre o açúcar — duas referências), duas referências à ilha da Madeira a propósito do açúcar no texto sobre o mel, uma referência ao Brasil também sobre o açúcar, três referências às ilhas Canárias (com referências aos lagartos e ao açúcar). Sublinhe-se que as Canárias aparecem designadas por três nomes diferentes: Caprariae; Fortunatae e Canariae.

Merece destaque ainda: uma referência a Estremoz (in oppido Stremonio, quod non longe ab urbe Eborá distat ‘no lugar de Estremoz, que não fica muito longe da cidade de Évora’) por causa da existência nessa localidade de uma espécie de bruxa;

- uma referência a Oeiras (ex oppido Hueiras dicto’ do lugar chamado Oeiras’) por causa da qualidade do mel proveniente dessa localidade; e ainda o nome dado a um espécie de cantáridas, a Buprestis, a que, em Portugal se chamava ‘rebenta boi’ – rumpentem bovem, que é, aliás, um nome que, nos meus tempos de criança, ainda se usava para um inseto que, nesta altura, pelo menos, não consigo identificar.

Poderemos sublinhar a maior parte das indicações anteriores através da utilização da tabela seguinte:

Tópico	Index	Enarrationes
Linhas de texto	10	29
Entradas	36	39
Referências a Dioscórides	11	30
Referências a autores antigos	70	100
Referências a autores modernos	16	20
Referências pessoais	1 ou 2	28
Texto sobre o sangue (n.º de linhas)	179	59
Conhecimentos provenientes dos Descobrimentos	1	14

Sublinhe-se ainda a apresentação que é feita pelo autor de duas receitas, indicando as quantidades e a maneira de fazer: uma para uma pomada para as mãos que tem por base gordura de vários animais e outra para um produto em que se utilizava o fel de touro, bode ou boi e que serviria para matar vermes, nomeadamente as lombrigas nas crianças.

Permitam-me, para terminar que apresente dois problemas com que me deparei como tradutor.

1. Ao tentar traduzir as palavras *cornus* e *cornu*, encontrei nos dicionários portugueses a palavra ‘pilriteiro’, que, aliás, tem algumas características comuns com a árvore apresentada e que tem o nome científico de *Crataegus laevigata*; contudo, numa pesquisa posterior

verifiquei que não podia ser esta planta, mas que deverá ser antes uma outra que dá pelo nome científico de *cornus sanguinea*. Estamos, como é óbvio, perante uma das múltiplas situações em que os conselheiros científicos do nosso projeto que pertencem a outras áreas terão de nos dar a sua preciosa colaboração.

2. na entrada do Index sobre as amendoeiras, aparece este texto: *et savic earum est commovens color sua dulcedine*.

Ora, este texto levantou-me dois problemas: em primeiro lugar, não sabia, na altura, o que poderia ser *savic* e as primeiras pesquisas que fiz não me ajudaram em nada, sobretudo porque a palavra não aparece mencionada em nenhum dos dicionários a que tive acesso; depois, a frase, em termos sintáticos era, pura e simplesmente, intraduzível.

Depois de muitas outras pesquisas e de várias trocas de impressões com os colegas, acabaram por se resolver os dois problemas:

savic (que é um termo técnico, talvez originário do Árabe — ainda é necessário confirmar esta hipótese) significa ‘a farinha feita a partir de sementes previamente torradas’:

e a frase transcrita tinha um erro que a tornava intraduzível: em vez de *color* que não faz qualquer sentido, deveria estar *cholera* que lhe dá pleno sentido e resolve os problemas sintáticos.

“*et savic earum est commovens cholera sua dulcedine*.”

“E o seu *savic* perturba a cólera com a sua doçura.”

Notas:

- 1 - Esperamos poder demonstrar esta nossa posição em texto a apresentar ainda este ano, para ser publicado numa revista de estudos clássicos.
2 - *Enarratio 74, in fine*.

** Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COM-PETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

* Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro